

REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A ARTE RUPESTRE DE ALCINÓPOLIS, O CONTEXTO REGIONAL DE PINTURAS E GRAVURAS E A MOBILIDADE DE POVOS CAÇADORES E COLETORES EM MATO GROSSO DO SUL

Rodrigo Simas Aguiar

Beatriz dos Santos Landa

Jones Dari Goettert

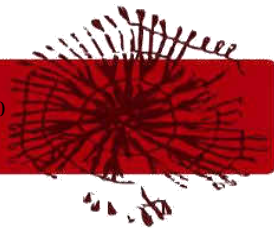
Resumo: O artigo debate as relações entre a distribuição espacial dos sítios de arte rupestre em Mato Grosso do Sul e a mobilidade de povos caçadores e coletores na pré-história. Tal movimento seria impulsionado tanto por atividades de forrageio como pela dispersão de ideias que sustentavam conteúdos cosmológicos materializados nos grafismos rupestres.

Abstract: This paper debates the relations among the spatial distribution of rock art sites in Mato Grosso do Sul State (Brazil) and the mobility of prehistoric hunters-gathers. This movement may be impelled by forage activities as well by the spreading of ideas that sustained cosmological contents materialized in rock art.

INTRODUÇÃO

O Estado de Mato Grosso do Sul possui um notável acervo de arte rupestre, com sítios de diversos estilos distribuídos por uma longa faixa de raia, tendo de um lado a planície pantaneira e de outro as terras altas do cerrado. São gravuras e pinturas que se encaixam dentro das principais chaves de classificação arqueológica, conhecidas por tradições: tradição Planalto, Tradição São Francisco, Tradição Geométrica Meridional. Mais raramente, aparecem motivos muito particulares tanto em estilo como em técnica de elaboração, diferenciando-se das clássicas representações identificáveis nas tradições arqueológicas.

Entendemos que a arte rupestre é a manifestação física de uma cosmologia, que teve sua origem no absorto campo das ideias. As pinturas e gravuras rupestres são discursos pictóricos, ideogramas dotados de sentido por meio de significantes que nos são desconhecidos, por isso a impossibilidade de interpretarmos com precisão seus significados. Ainda assim, o reconhecimento imediato de alguns grafismos, cujo naturalismo remete a espécies do meio ecológico circundante, nos permite formular inferências, abrindo espaço ao universo abstrato de sociedades que até então tinham apenas utensílios como evidência direta de sua existência.

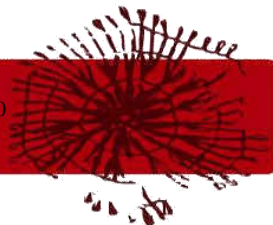


Ao unirmos este enunciado com a experiência de campo que vivenciamos há algumas semanas atrás, percebemos como a distribuição dos sítios de arte rupestre presentes em Alcinópolis vai refletir uma mobilidade entre os vales que separam montes e cerros dotados de pinturas e gravuras. Tal mobilidade estaria relacionada diretamente com atividades de forrageio. Além desta mobilidade imediata, que ocorreu em um raio menor de abrangência, pode ter havido outra, bem mais ampla. A situação geográfica dos sítios de arte rupestre do cerrado, cuja ocorrência se dá nas franjas de montanhas que se debruçam por sobre a planície pantaneira, indica uma movimentação mais abrangente, que permitiu explorar de forma combinada os recursos ecológicos do Cerrado e do Pantanal. Ao tecer reflexões acerca da relação entre arte rupestre e mobilidade de povos caçadores e coletores tivemos por resultado o conteúdo que apresentaremos a seguir.

MOBILIDADE DE PESSOAS E MOBILIDADE DE IDEIAS

Quando decidimos analisar as pinturas rupestres que ocorrem no município de Alcinópolis e refletir sobre suas possíveis relações com a mobilidade de povos caçadores e coletores, estávamos cientes da fragilidade do modelo proposto. Isso porque ao usar exclusivamente a arte rupestre como mecanismo de análise arqueológica, estamos lidando com uma modalidade de vestígio um tanto subjetiva. Contudo, a atual realidade científica ainda não conta com informações derivadas de escavações arqueológicas, sendo os vestígios rupestres o único elemento que subsidia reflexões arqueológicas para o município em questão. Por outro lado, Alcinópolis detém um terço da arte rupestre de todo o estado de Mato Grosso do Sul, revelando quão significativa é a área para a arqueologia regional e como os grafismos rupestres se tornaram manifestações ideológicas capitais para os habitantes pré-históricos. Por isso, optamos assumir este desafio, calcados na premissa de que a arte rupestre pode nos trazer mais informações do que tendemos a admitir e, até mesmo, imaginar.

Para tanto, temos de nos mover entre os dados arqueológicos disponíveis para tecer uma brevíssima biografia dos povos caçadores e coletores que transitavam entre estes vastos campos de cerrado no cerne do atual Centro-Oeste brasileiro. Tarefa esta nada fácil, pois lidamos com escassos recursos humanos diante da dilatada quantidade de sítios arqueológicos presentes em Mato Grosso do Sul, o que acarreta em um número insuficiente de sítios arqueológicos identificados e escavados face ao potencial científico a espera de interpretações. São duas as fontes de informações que podemos acessar para avolumar nosso

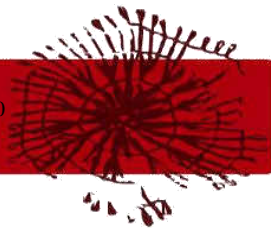


conhecimento sobre os povos caçadores e coletores do cerrado sul-mato-grossense: de um lado os arqueólogos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Gilson Rodolfo Martins e Emília Kashimoto; e de outro os pesquisadores do Instituto Anchieta de Pesquisas, por intermédio das investigações coordenadas por Pedro Ignácio Schmitz auxiliado sua equipe, que foram os primeiros a produzir dados que tem servido de base para os estudos subsequentes realizados na região que está novamente sendo explorada.

Os registros arqueológicos indicam ocupações de finais do pleistoceno, com diversas datas que situam os primeiros parapeiros humanos na região entre 10 e 11 mil anos atrás (Schmitz, 2005). Mais recentemente, Gilson Rodolfo Martins e Emilia Kashimoto (2012) obtiveram datação de 12 mil anos para o sítio arqueológico Casa de Pedra, sendo esta até o momento a mais antiga evidência da ocupação humana no Estado.

Tais informações nos colocam diante de um tipo de ocupação que transcende as formas atuais de clima e vegetação. Primeiramente, estamos em uma faixa de idade em que humanos e megafauna compartilham os mesmos nichos ecológicos, ainda que as formas de interação entre ambos nos sejam até então desconhecidas. Depois, os campos de cerrado que hoje se desenvolvem em amplas faixas do estado teriam naqueles tempos outra feição. Com temperaturas ainda abaixo das atuais e resquícios de uma *secura* típica da era glacial, a tropicalidade que aflora com o ótimo climático ainda não existia. Os atuais nichos de cerrado viriam somente depois, devendo estes campos estar recobertos por uma vegetação menos densa, como nos campos de savanas, forma mais próxima do que seria o atual Cerrado *Stricto Sensu*. Com o fim do Pleistoceno e com o advento do ótimo climático, cujo processo de transição possivelmente se deu entre 10.500 e 7.500 antes do presente, sucede-se a formação da diversidade dos cerrados atuais até cerca de 6.500 anos atrás (Schmitz, 1980; Schmitz, 1999). Diante da falta de estudos que nos reconstitua o paleoclima da região de Alcínópolis, nos resta apenas supor esta feição paisagística, que em boa medida deve se aproximar do real *habitat* ocupado pelos núcleos de caçadores e coletores há possivelmente 12 mil anos. Desde então, houve uma continuidade de ocupações, talvez não pelos mesmos povos, mas por núcleos populacionais que adotaram a mesma forma de economia de forrageio, que se estendeu até a estabilização climática e, mais tarde, o surgimento dos aldeamentos horticultores.

Ao largo deste dilatado período quando a economia de caça e coleta prevalecia, os elementos da ecologia vão se incorporar aos conteúdos cosmológicos daquelas populações,

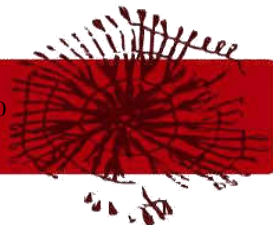


sendo tematizados nos tantos abrigos com pinturas rupestres presentes neste Estado. Recente artigo discute as primeiras formas de adensamento populacional como resultado de maior complexidade da ‘parafernália’ ideológica, registrada nas formas artísticas dos povos da pré-história (Aguiar, 2015). Pessoas congregadas em grupos diminutos seriam responsáveis por garantir a propagação de ideias, e tal modelo também se aplicaria ao caso de Alcinópolis, mais especificamente aos sítios arqueológicos Templo dos Pilares e Barro Branco.



Figura 1: Representações zoomorfas aparecem tematizadas nos sítios de arte rupestre. Sítio Arqueológico Barro Branco, Alcinópolis.

Ao situarmos espacialmente os sítios com pinturas rupestres percebemos que as ocupações privilegiam espaços fronteirícios de dois ecossistemas, entre as franjas de montanhas e a planície pantaneira, tema que vem sendo debatido pelos pesquisadores da Universidade Federal da Grande Dourados desde 2012 (Aguiar et al. 2012; Aguiar & Lima, 2012; Aguiar, 2012; Aguiar et al. 2014). Tal situação, provavelmente se deve em razão da potencialidade de captação de recursos alimentares dentro de uma dinâmica sazonal, que ora privilegia os fartos recursos dos campos de cerrado, ora os copiosos lagos da planície que



viria a ser o Pantanal. Tal fartura está perpetuada nas representações zoomorfas que integram as pinturas rupestres dos sítios de Mato Grosso do Sul.

Esta estratégia se mostrou tão eficaz que veio a ser adotada também pelos posteriores povos autores das gravuras rupestres, perceptível por meio do mesmo sistema de corredor que perfaz uma linha paralela às falésias que separam o Cerrado do Pantanal. Usamos das diversas sobreposições de gravuras em relação às pinturas que aparecem em sítios arqueológicos para sustentar que os povos gravadores vieram depois dos pintores.



Figura 2: Gravura sobreposta à pintura no Sítio Arqueológico Barro Branco, Alcínópolis.

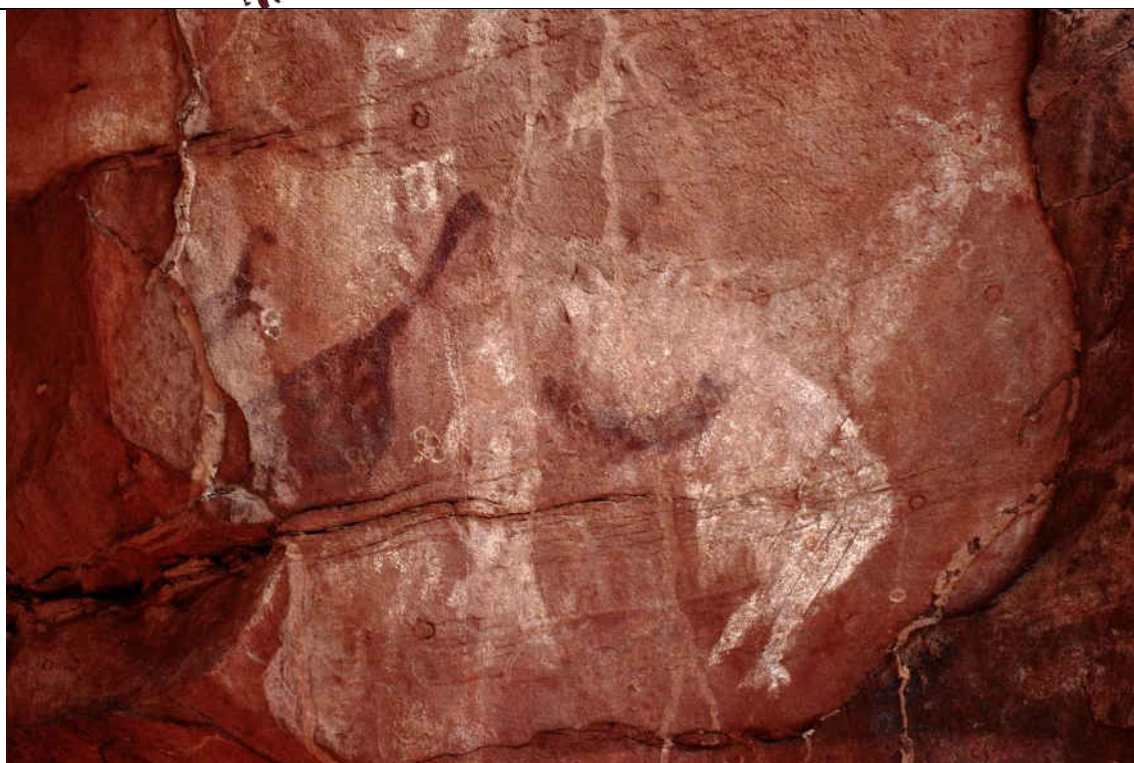
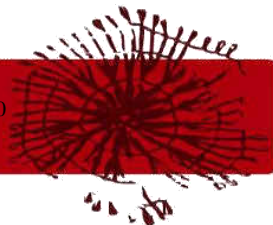
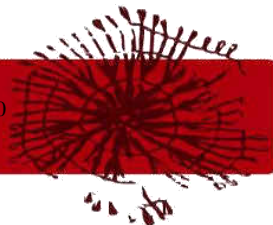


Figura 3: representações da fauna em pinturas rupestres são recorrentes nos sítios arqueológicos de Mato Grosso do Sul. Sítio Fazenda Cerrito, distrito de Cipolândia, Aquidauana.

A ocupação humana em cavernas e abrigos não pode ser entendida como mera apropriação de recinto espacial. O entorno ecológico, ao ser tematizado, assume a condição de ente, podendo se tornar agente influenciador no fluxo da vida social. Há autores que defendem que os lugares marcados com arte rupestre podem ser vias de acesso a outros espaços cosmológicos, habitat de seres sobrenaturais e domínios divinos ou malignos (Bradley & Nimura, 2013; Alves, 2002). Em comum, persiste a opinião de que os recintos com arte rupestre são espaços de congregação de determinada audiência, onde ideias são materializadas, reafirmadas e propagadas pelo fluxo de pessoas que portam consigo o conteúdo ali narrado. Assim, o sistema de mobilidade de ideologias, com centros de concentração e áreas de dispersão, também permite perceber a mobilidade dos povos caçadores e coletores.

Do alto dos montes que se elevam entre os vales de cerrado é possível avistar outros que se avizinham, e que também são portadores de repertórios rupestres. Entre estas montanhas derramam-se vales repletos de exemplares da fauna e da flora de imperativa importância alimentar. Mesmo diante dos problemas de expansão das áreas de cultivo e dos núcleos populacionais, ainda hoje é possível contemplar espécies animais que desfilam com sua prole



em espaços de forrageio, especialmente nas áreas de reserva natural, como observamos em nossa última ação de pesquisa no Parque Natural Municipal Templo dos Pilares. Um indicativo de como a fauna, ainda hoje abundante, devia ser deveras profusa no passado pré-histórico.

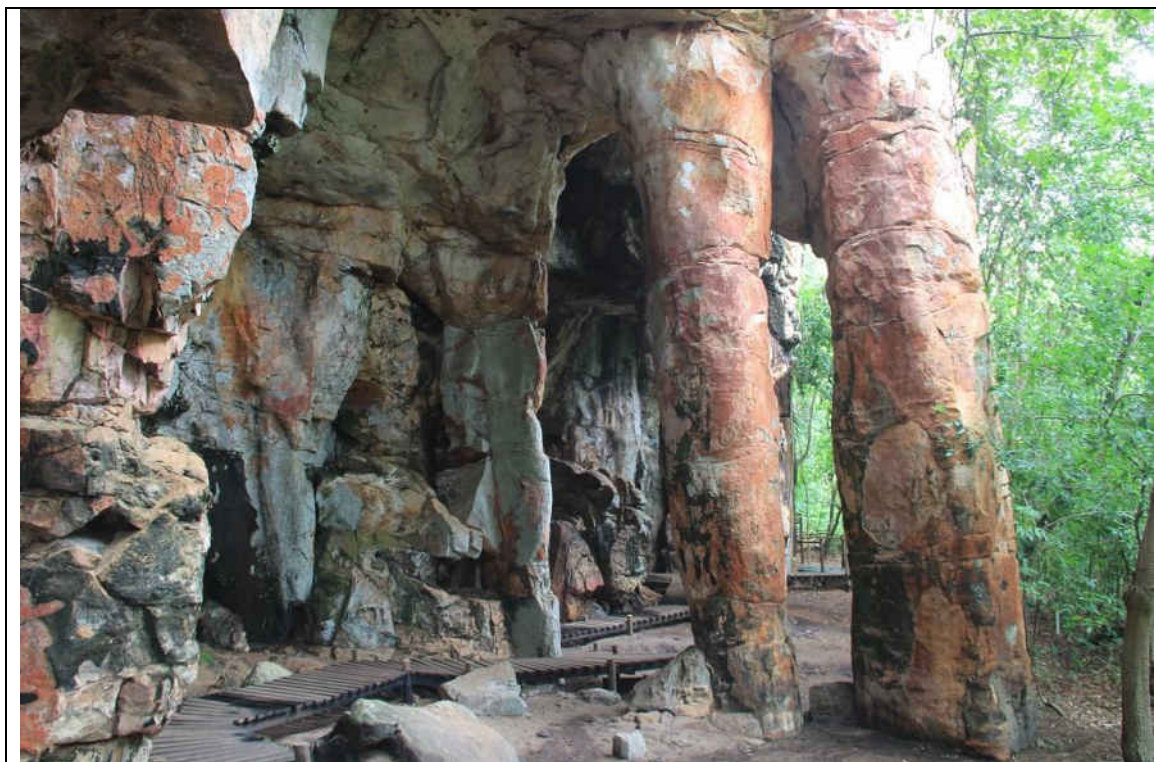


Figura 4: o sítio arqueológico Templo dos Pilares, em Alcinoópolis.

Neste parque municipal está situado o sítio arqueológico homônimo. Trata-se de um verdadeiro monumento, cuja magnanimidade é garantida pelos engenhos da natureza. Enormes pilares naturais se elevam, dando sustentação ao teto de um grande abrigo. Nos mesmos pilares, assim como nas paredes e até mesmo no teto, numerosas gravuras e pinturas competem por espaço. Este sítio difere de tudo que existe no Estado, tanto pelas suas belas formas naturais quanto pela transformação que sofreu pela mão humana na pré-história. Assemelhando-se a ele em grandiosidade está o sítio Casa de Pedra, no Município de Chapadão do Sul, estabelecido em uma caverna que se desdobra em imensas galerias repletas de pinturas e gravuras. Entre eles e Aquidauana, mais ao sul, sequências de áreas de dispersão foram constituídas, possivelmente em razão da mobilidade dos povos em suas atividades de caça e coleta regidas por fatores sazonais.

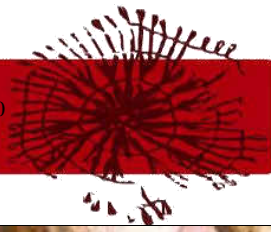
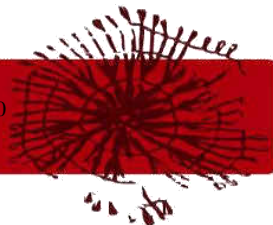


Figura 5: representações rupestres de uma das galerias do sítio arqueológico Casa de Pedra, em Chapadão do Sul.

Neste trânsito, não apenas pessoas se moviam, mas, possivelmente, todo um repertório ideológico que conectava esses grupos de caçadores e coletores com outras formas organizacionais. A materialização do universo cosmológico permitia a interpolação dos universos físico e metafísico, trazendo para a vivência social seres fantásticos e entidades divinizadas.

CONCLUINDO...

A distribuição espacial dos sítios de arte rupestre em Mato Grosso do Sul nos permite imaginar movimentos de pessoas entre ecossistemas impelidas pelas atividades de forrageio. A repetição de repertório rupestre em diferentes conjuntos arqueológicos dispostos nos municípios na faixa de transição entre Cerrado e Pantanal é outro potencial indicativo de movimento e dispersão de ideias. Tais elementos nos permitem imaginar como ocorreu a mobilidade dos grupos de caçadores e coletores no âmbito regional, num trânsito entre norte e centro-sul, com variações de leste a oeste, descendo as recortadas franjas de serras e adentrando as terras pantaneiras (conforme mapa abaixo). Os sítios não seriam monumentos isolados, mas parte de um grande sistema de fluxo de ideias, cuja dinâmica era impulsionada



tanto pelas relações humanas como pela necessidade de suprir os membros do grupo de recursos alimentares.

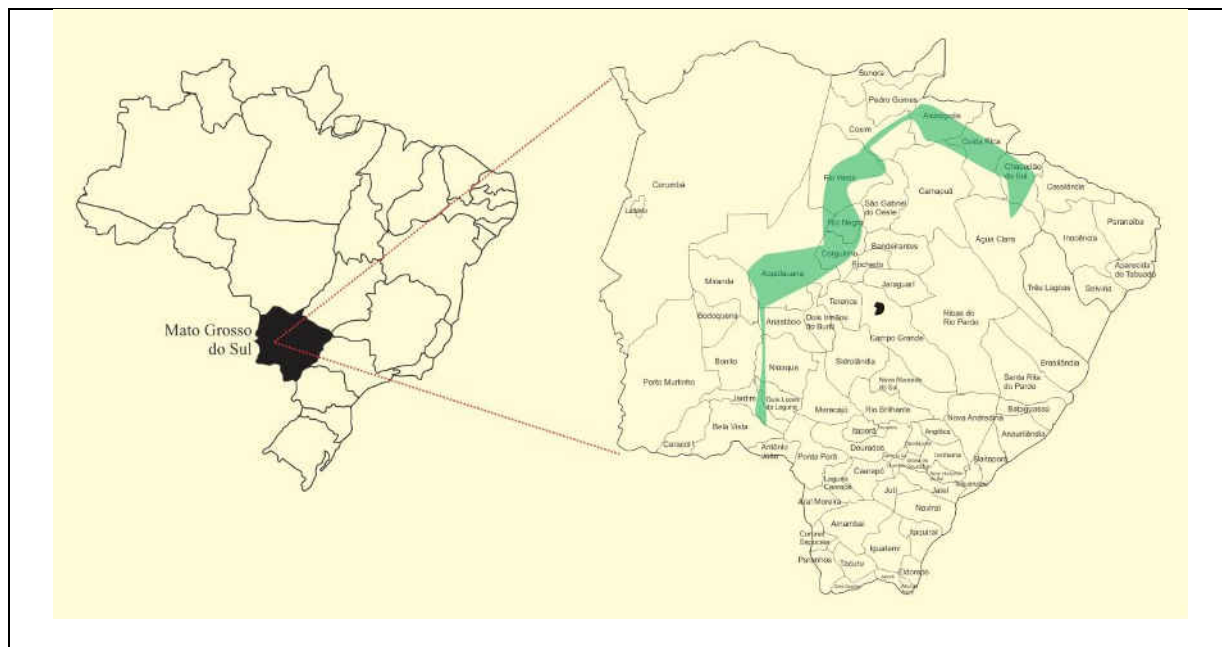


Figura 6: área de dispersão dos sítios de pinturas rupestres em Mato Grosso do Sul (segundo Aguiar, 2015)

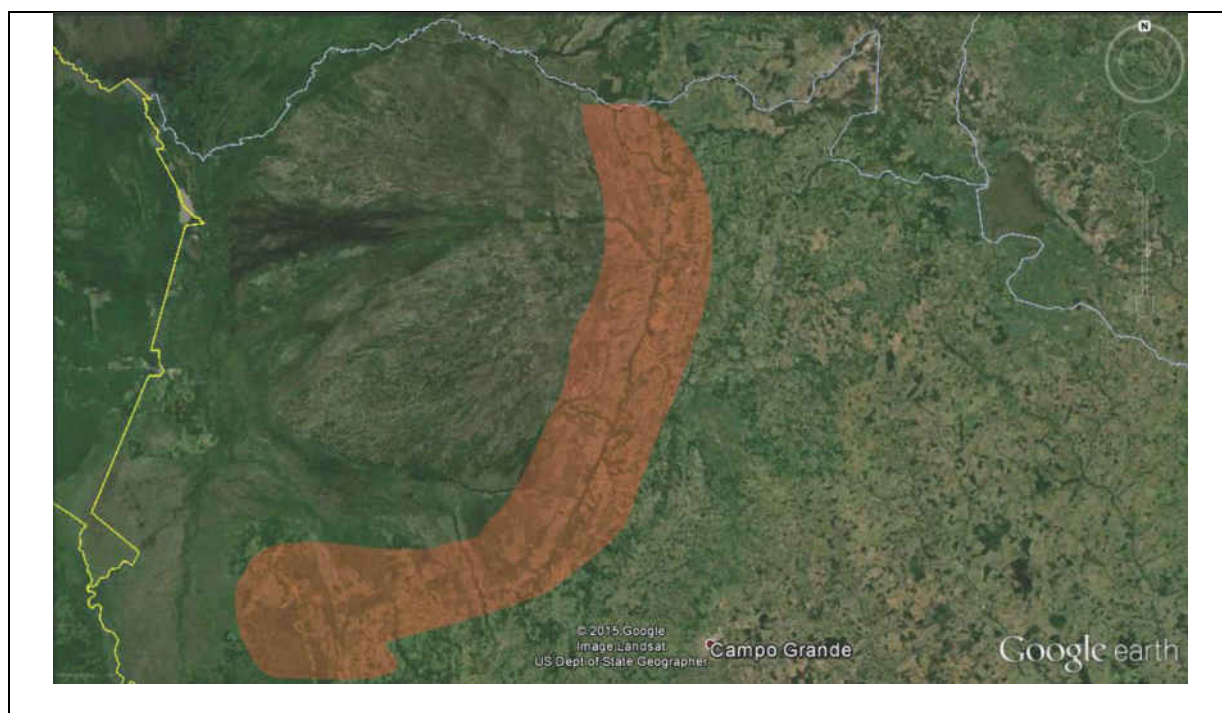
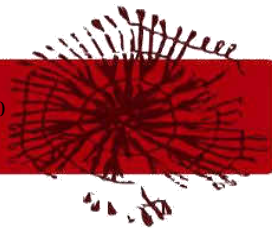


Figura 7: imagem de satélite da porção noroeste de Mato Grosso do Sul, onde em destaque vermelho se nota a área de transição entre as terras altas do Cerrado e a planície Pantaneira. Fonte da imagem de satélite: Google Earth.



REFERÊNCIAS

- AGUIAR, R. L. S. 2015. *Pessoas, objetos tempo e espaço: reflexões acerca das relações entre arte rupestre e ocupação do espaço ambiental na pré-história*. Artigo de pós-doutorado, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- AGUIAR, R. L. S. 2012. Arte na Pedra: o surpreendente e pouco conhecido patrimônio pré-histórico de Mato Grosso do Sul. *Ciência Hoje*, v. 297, p. 32-37.
- AGUIAR, R. L. S.; COLINO, D. S. M.; LANDA, B. S. 2014. “Notas sobre a ocorrência de cerâmica arqueológica no sítio Fazenda Colorado IV, Região de Taboco, Estado de Mato Grosso Do Sul – Brasil”. In: *Anais do ENEPEX*, Dourados: UFGD e UEMS.
- AGUIAR, R. L. S.; LIMA, K. M.; FREITAS, L. G. 2012. “Continuidades e transformações nas manifestações rupestres da tradição planalto em Mato Grosso do Sul, Brasil. O caso das pinturas rupestres do município de Rio Negro”. *Diálogos* (Maringá), v.16, p.997 -1026.
- AGUIAR, R. L. S., LIMA, K. M. 2012. “Quantos estilos pode haver em um mesmo complexo rupestre? Considerações acerca das pinturas rupestres do distrito de Taboco, município de Corguinho (MS)”. *Clio. Série Arqueológica* (UFPE), v.27, p.1-14.
- ALVES, L. B. 2002. “The architecture of the natural world: rock art in western Iberia”. In: *Monuments and Landscape in Atlantic Europe: Perception and Society During the Neolithic and Early Bronze Age*, 51.
- BRADLEY, R., & NIMURA, C. 2013. “The earth, the sky and the water's edge: changing beliefs in the earlier prehistory of Northern Europe”. *World Archaeology*, 45(1), pp. 12-26
- SCHMITZ, P. I. 1980. “A evolução da cultura no Sudoeste de Goiás”. *Pesquisas, Série Antropologia*, n. 31. São Leopoldo: IAP.
- SCHMITZ, P. I. 1999. “Caçadores-coletores do Brasil Central”. In: TENÓRIO, M. C. *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, pp. 75-88.
- SCHMITZ, P. I. 2005. Arqueologia do Estado do Mato Grosso do Sul. *Palestra de abertura do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Leopoldo: IAP/Unisinos, 2005. In: <http://www.anchietano.com.br>. (acessado em 20 de fevereiro de 2012).
- MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. 2012. *12.000 anos: Arqueologia do povoamento humano no nordeste de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande (MS): Life Editora.